

GRANDES CENAS / MONTAGEM

EPISÓDIO 15: COMO NASCEM OS ANJOS

[ABERTURA]

[PRÉ-CENA]

- Aí, doutor! Tem um banheirinho aí?

- O quê?

- Ah, Maguila, não incomoda o cara, pô! Por que tu não dá uma mijadinha ali?

- Na rua?

- É.

- Porra, tu é do morro mesmo, né, ô mané? Então tu acha que eu vou mijar na rua, porra?

MATHEUS

Como nascem os anjos é o quarto filme de Murilo Salles. Japa e Branquinha são os protagonistas dessa aventura que explora os limites tragicômicos do absurdo social de uma cidade dividida. Vítimas de uma sucessão de equívocos, os dois fazem reféns os moradores americanos de uma mansão da zona sul do Rio de Janeiro.

MURILO

Essa história, (/) eu, eu construí ela assim... (/) com (/) situações inverossímeis, pra discutir o conceito de verossimilhança no cinema. Porque todas as situações são absurdamente inverossímeis. A menina que pede pra ver o seio da outra, quer que ela tire, e ela, todo o processo de convencimento. O Maguila, que é o marido da Branquinha essa, né, que é um bandido, né, um oligofrênico desses de, de favela, que, que, que vai, não consegue urinar na rua, aí entra numa casa.

MURILO

Quer dizer, o filme é todo construído em cima do desafio (/) do que é verossímil, o que é inverossímil. Né? O tempo todo, é isso daí. Por quê? Porque eu tentava fazer essa crônica do absurdo brasileiro.

- Ô, doutor, eu sou a Branquinha, esse é o Maguila e aquele é o Japa. O senhor não precisa ficar com medo. A gente não é bandido. Deixa o Maga ir no banheiro. Ele é assim. Não mija na rua de jeito nenhum. Ele foi muito educado pela mãe dele. Até demais.

- Todo mundo pra fora.

- Me solta!

- Pra fora!

- What are you doing?

- Larga a minha mulher!

MURILO

Tinha essa questão (/) muito importante pra mim sempre né, da questão política brasileira, que, que é essa coisa dessa incapacidade nossa de, de assumir, né, os conflitos sociais. O Bras, a nossa história ela, ela, ela é levada sempre pra uma tentativa de, dissimulação, né, da, da luta de classes, né, (/) de quem é incluído, de quem é excluído, né. Então o filme é sobre isso, né, tinha aquela coisa da cidade partida, né, enfim.

- Cara, é a Rocinha...

MURILO

Na verdade, ele surgiu assim, eu queria fazer uma homenagem ao "Anjo Nasceu" do Júlio Bressane. (/) Eu acho o "Anjo Nasceu" inacreditável, eu acho o "Anjo Nasceu" um filme... E é absolutamente essa questão, né? (/) Só que ali são dois bandidos que entram na casa de dois burgueses e barbarizam.

- Por quê que a gente não foi embora?

- Hmpf... Como é que eu posso...?

- Bostinha!

- Maga... O gringo é estribadão, hein?

MURILO

E também tinha uma questão da introdução da tv a cabo no Brasil. Porque a tv aberta era aquele domínio da dramaturgia brasileira, (/) E a (/) tv a cabo traz muito, (/) uma cultura americana, né? Traz online, (/)ao vivo.

- Cara! Vem ver, rápido!

MURILO

Eu ia (/) nos morros, no Santa Marta, enfim... A quantidade de antena parabólica que tinha, que não é uma coisa cara e que neguinho comprava comunitário uma antena e distribuía o sinal entre várias casas, o que acontece hoje com o cabo, né, era impressionante, isso me impressionou. Então a gente na própria pesquisa que o Nelsinho Nadotti fez, a gente fez uma pesquisa incrível com garotada de morro, que deu sustância pra essas coisas, Essa coisa do deslumbramento com uma cultura americana, entendeu, que tava se impondo ali, né, pela MTV e pela televisão a cabo.

MURILO

Eu me (/) sentia muito violentado com essa entrada, pelos (/) poros do Brasil, (/) né, de, (/) uma outra ideologia. E eu acho que isso se solidificou com a televisão. (/) Os meios de comunicação são muito importantes, eu acho, eu acho que é uma coisa assim vital na, na vida hoje. As pessoas ficam ligadas, a questão da imagem, a questão da exposição, isso tudo tá mudando o ser humano, né, pela telinha.

- Pede pra ela tirar a roupa.
- Pra o quê?
- Tirar... a roupa!
- Por favor, deixe ela em paz.
- Ih, qual é, gringo, é só tirar a roupa...
- Para quê?
- Pra ver ela pelada, né? Fala com ela.

MURILO

Entrando na cena: ela é uma cena que bota uma brasileira, né, deslumbrada por uma, por uma menina linda, loura que, que ela via na f, na, na favela lá, nas, nas fotos da, da Playboy estampadas, enfim.

[TRECHO DE FILME] Branquinha toca o cabelo da Lindinha.

MURILO

Tem na verdade essa, essa questão do nosso complexo de vira-lata, né? Mas por outro lado o que eu acho engraçado é que ela duvida disso. (/) E eu coloco essa, essa questão na questão do seio, né, que é uma questão muito do feminino dessa menina. (/) E ela pra, pra verificar

essa questão, ela quer ver na feminilidade dela, né, de, infantil, que ela quer ser mulher, e ela quer ver o seio da outra, pra ver se o seio da outra é melhor do que o seio da, (/) da menina que é mais importante do morro que é a mulher lá do bandido.

[TRECHO DE FILME] Branquinha toca no seio da Lindinha.

MURILO

Inclusive o roteiro descrevia que ela ficava burilando o seio da menina, ela fica beslicando, ela ficava com os mamilos dela, entendeu? Puxando, soltando, ela fazia uma brincadeira danada. E que isso foi objeto de uma discussão muito grande, né? Lá, na hora do casting americano.

MURILO

Quando eu escolhi ela, veio o contrato do agente dela, tinha assim... Eu tenho esse contrato, tinha vinte e cinco páginas sobre a cena do seio. E era tensa essa cena do seio pra ela, coitada, e eu, eu, aí na véspera de filmar foi isso, eu disse assim: "Cara, quer saber de uma coisa? Eu não vou mostrar o seio dessa mulher, porque vai ficar por conta da imaginação do espectador.

[TRECHO DE FILME] Lindinha tira o sutiã.

MURILO

Eu quando filmo eu, eu entro num transe, assim, eu, eu acordo muito cedo, eu, eu, eu leio as cenas que eu vou filmar no dia seguinte, sem, sem pensar muito. Aí eu sonho, sonho, sonho, muito com essas cenas, muito. Eu acordo de manhã, aí vou tomar banho, leio de novo, aí tomando banho eu começo a imaginar a decupagem.

MURILO

Esse filme, ele tem uma decupagem muito, muito participante, né, muito travelling, muito... eu sublinho muito tudo com a câmera, né?

MURILO

Porque eu acho que ela é uma cena que tem a ver com essa, com essa dramaturgia aí que, que, que a gente ergueu, né, no filme. Eu acho que ela, ela, ela é muito pertinente, ela é cartesiana. Porque eu tava brincando muito com essa coisa de (/) de trabalhar com o inverossímil, no limite, (/) de quebrar, né, os limites entre bem e mal, de não ser maniqueísta. Em cada personagem né, tem uma quebra, tem um, um pensamento de não ser maniqueísta. Então eu achava que eu tava mexendo com muita coisinha já, entendeu, e que a decupagem

tinha que ser mais clássica, ele é um filme clássico. (/) Eu acho que na verdade mais do que um plano é o jeito que você quer olhar aquele personagem.

[TRECHO DE FILME] Branquinha aponta arma pra Lindinha.

- Vai... vai.

MURILO

O personagem principal da cena é a Branquinha, essa cena é da Branquinha. Ela é a condutora da narrativa obviamente, e eu acho que o que motiva ela inconscientemente é essa questão da feminilidade que ela vive tão precocemente, que ela, é, e isso foi muito legal, muito importante na Priscila, ahn, na escolha da Priscila... Apesar dela ser uma, uma, uma garota extraordinariamente disciplinada, e boa atriz, ela foi uma parceira incrível. (/) A questão dessa coisa tão turbulenta pra ela da feminilidade. E, e, e dessa coisa infantil, né, de identificação, né, de querer criar identificação. Então o seio como uma coisa adulta, né, da mulher, né. (/) Ela não tem, ela não tinha seio nenhum, né, ela não tem, ela era uma garota, isso foi fundamental, ela tinha onze anos de idade, ela ainda não tinha seio.

- Eu não vou fazer nada. Só olhar.

MURILO

E a Ryan que eu gostava porque ela tinha um (/) modelito "Barbie", (/) com esse saio de tênis, essa coisa de tênis era pra ela ficar meio "Barbie", né, meio a figura, já que eu tou falando dessas metáforas, do, da, da televisão, da ocupação cultural, naquele momento lá a Barbie era uma coisa né... Então queria uma Barbie. (/) Ela num certo sentido nesse momento ela até é mais madura do que o pai.

- Para com isso!

MURILO

É óbvio que o pai, o Larry, está incomodadíssimo né, (/) pela cultura dele, (/) que é puritana, de repente olhar pros seios da filha, adulta. (/) Então você vê até que um cara que é maduro o tempo todo durante o filme, que é o, que é o, é o personagem do americano, ali ele fica meio bobão, "Não, não faz isso", "Para com isso". Ele não tem argumento, né. A, a filha é que tem os argumentos: "O que ela quer?" "Ela quer que eu tire a camisa?" Ela tira, ela não, ela não, não tem "big deal", entendeu? Já que precisa fazer isso, ela, ela vai, ela, ela nesse momento, ela que é todo o tempo chatinha, ela fica mais adulta.

- You little bitch! Who you think you are?

- Calma, Lindinha!

MURILO

Apesar de ela tá ameaçada por uma arma, né, porque a Branquinha tem uma arma na mão, tem o poder.

- Vai... Tira! Vai, Lindinha!

MURILO

Ela... bate na arma da... (/) Por quê? porque (/) ela é reconhecida como um poder feminino, né, e ela se sente muito superior (/) à outra menininha.

- Tira!

- Por que é que tu tá fazendo isso, menina?

MURILO

E tem a Maria Sílvia, que é a empregada, que trabalha pra intervir: "Menina, para com isso, o que que é isso?" Né, ela, (/) ela entende o patrão, ela não acha ele um... "filha da puta", e entende absolutamente aquelas crianças, então ela entende, ela é que entende os dois códigos.

MURILO

E o Japa, ali, ele entra como esse elemento de fora, também admirador, mas ao mesmo tempo ele entra ajudando a banalização. (/) É um filho de uma mulher que é empregada, que é do bem, é o lado do trabalhador que mora no morro. (/) E o Japa (/) ele entra pra ironizar.

- É, acho que sim. Sei lá.

MURILO

"O quê que você acha?" "Ah, sei lá, não conheço..." E isso, isso dá o contraponto pra Branquinha disser "Pois é, tá chato esse filme, esse filme, né?" Tchuf! E desliga a televisão e acaba a cena né?

[CENA]

- Ele tá tão calminho, né? Até parece a Cuca. Uma cachorra gorda que eu tinha lá em casa. Você salvou o meu homem, Lindinha.
- If we don't get him into a hospital, he'll die here.
- How long do you think?
- I haven't the slightest idea. He won't be bleeding eternally.
- He's very strong. There's a chance he can hold on until the police leave.
- Pede pra ela tirar a roupa.
- O quê?
- Tirar... a roupa!
- Por favor, deixe ela em paz.
- Ih, qual é, Gringo, é só tirar a roupa...
- Para quê?
- Pra ver ela pelada, né? Fala com ela.
- What does she want now?
- Fala, gringo!
- Lindinha, tira a roupa, vai! Tira!
- Por que é que tu tá fazendo isso, menina? Quê que ela te fez?
- Ih, qual é, madame? Fica na tua, hein? Pô, não tou pedindo nada de mais. Só quero ver se o peitinho dela é mais bonito que o da Luciana. Eu duvido, hein? Ô, Gringo, a roupa!
- Does she want me to take my shirt out?
- Qual é, gringo? Tu não vai falar nada? Teu pai é maluco, Lindinha. Eu só tou pedindo pra você tirar a roupa. Eu só quero dar uma olhadinha. Não tou entendendo pra que tanta confusão. Vai, pede, porra!
- You little bitch! Who you think you are?
- Calma, Lindinha! Não fica zangada. Eu não vou fazer nada. Te juro, tá? Só olhar. Vai... Tira! Vai, Lindinha...
- ???
- Branquinha, o quê que tá acontecendo?
- Vai, tira essa porra! Vai... Vai.
- Tira o resto.
- Don't do this, Julie.
- Take it easy, dad!

- Pssst...

- Japa, vem cá! Quê que tu acha? É mais bonito que o da Luciana?

- É, acho que sim... Sei lá. Não sei nem quem é Luciana.

- Lucianinha, cara, aquela altona! Mulher do Neneco, lá do Movimento.

- Para com isso!

- Ih, tu tá é bolado mesmo, hein, Gringo? Que é isso? A gente não tá fazendo nada de mais. Ó... Finge que isso aqui é uma tevê. A gente tá vendo filme, e a sua filha é a artista. Tá numa cena de amor. Aí ela pega e tira a roupa. Tamos eu e o Japa vendo a tevê. Vem, Japa, senta aqui comigo.

- She's crazy.

- Hmm, tá chato esse filme. Não acontece nada. Tchuf... Toma.

MURILO

É muito legal, né? É bem dentro desse conceito de cena. Isso é uma cena, que tem começo, meio e fim.